

DF-lazer

Freqüentadores da maior área de lazer do Plano Piloto esperam até hoje pelo conserto da piscina de ondas, pela volta dos pedalinhos, das bicicletas, do pesque-pague e pela reforma do Castelhinho

OS 5 FANTASMAS

que assombram o Parque da Cidade

ISABEL FLECK
DA EQUIPE DO CORREIO

A sirene anunciava que a piscina ia virar mar. Em segundos, ondas de até um metro de altura traziam a praia aos brasilienses. O responsável por apertar o botão do compressor corria para ver a criança pular na água. Quando podia, se refrescava também. Hoje, Luiz Pereira vê o abandono a que está entregue a primeira piscina de ondas da América do Sul. Cheia de lodo e de azulejos quebrados. Lamenta que o lugar onde passou 18 de seus 46 anos seja agora um espaço fantasma. E espera, do seu quiosque de lanches em frente à piscina, que a sirene volte a soar.

"Seria bom ver aquela alegria toda de novo. Muita gente passa aqui e me pergunta se vai reabrir", conta Pereira, que assumiu o negócio do irmão assim que o ponto de lazer fechou as portas, em 1997. Assim como a piscina de ondas, outras atrações do Parque da Cidade existem apenas na memória de seus freqüentadores mais assíduos e antigos. O bicicletário, o pesque-pague, os pedalinhos e o castelhinho são hoje prédios-fantasmas, tomados por pichações, infiltrações e entulhos. Em espaços privilegiados dentro do parque, deixam à mostra o descaso com o lazer público e com a própria história da capital.

A piscina de ondas estava no roteiro obrigatório dos parentes do funcionário público Raimundo Carvahlo, 51 anos, que visitavam Brasília. "Era a nossa praia, então eu sempre trazia a pessoa aqui. Nos fins de semana e nos feriados, era bem cheio, mas não atrapalhava a diversão", lembra, com saudades. No auge da piscina, nas décadas de 1980 e 1990, o lugar chegava a receber nove mil pessoas nos sábados e domingos. Hoje, a visão é outra para quem se arrisca a olhar além das grades. São só catracas enferrujadas, chuveiros quebrados, pedaços de azulejos faltando. Dentro da piscina, um lago formado por lodo e sujeira.

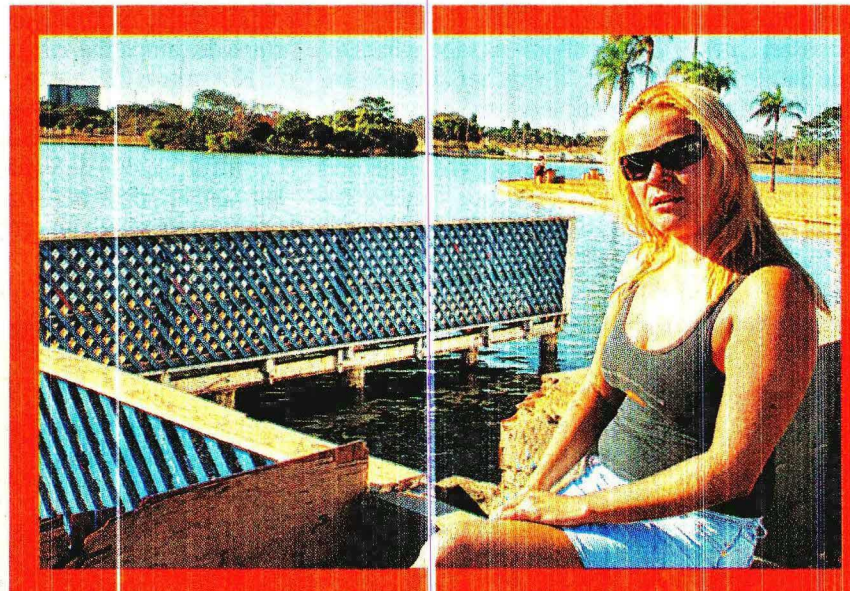
Há três anos, o governo do Distrito Federal vem anunciando a reforma da piscina. Em agosto de 2005, a Secretaria de Administração de Parques e Unidades de Conservação (Comparques) previu o lançamento de um edital de licitação para as obras não só na piscina, mas no bicicletário e nos vestiários, que seriam administrados por empresas. A privatização, no entanto, causou polêmica. Para muitos freqüentadores, o acesso à piscina não pode ser cobrado por ser a única opção em Brasília para quem não é sócio de clubes.

Hoje, não há a menor previsão de volta da piscina. Segundo o secretário da Comparques, Ozanan Coelho, toda a estrutura do local — principalmente instalações elétricas e hidráulicas — está condenada. "O projeto é irrecuperável e não temos dinheiro para abrir uma licitação. Estamos buscando parcerias com empresas para refazer tudo, com equipamentos mais modernos", afirma Coelho.

Fotos: Carlos Veira/CB/ 8/8/06



LUIZ PEREIRA SOAVA A SIRENE E A PISCINA VIRA MAR: ELE VIU O LUGAR FECHAR, MAS ATÉ HOJE ESPERA REVER AS ONDAS



ELISÂNGELA CAMINHA NO LOCAL: "DÁ MUITA PENA VER TUDO ISSO ASSIM, ABANDONADO"

Passeio interrompido

Não muito longe da piscina, um prédio azul abandonado foi o que sobrou dos bons tempos do lugar, até a década de 1990. Com R\$ 3, era possível pedalar por até 30 minutos dentro do parque. Os casais que preferissem andar junthinhos nas bicicletas duplas só precisavam de mais R\$ 1. Mas o que fazia sucesso mesmo eram os quadricúculos, que levavam famílias inteiras e chamavam a atenção dos turistas.

Só uma placa na antiga bilheteria lembra a destinação anterior do prédio. No espaço que servia de garagem para as bicicletas, hoje só há entulho, sujeira e vidros quebrados. Cena semelhante pode ser vista no estacionamento 10. O local onde os visitantes esperavam para embarcar em pedali-

nhos, caiaques ou canoas, agora está tomado por lixo. O tempo desgastou a madeira do pier, e o vandalismo, as cerâmicas do prédio que servia de apoio à atração.

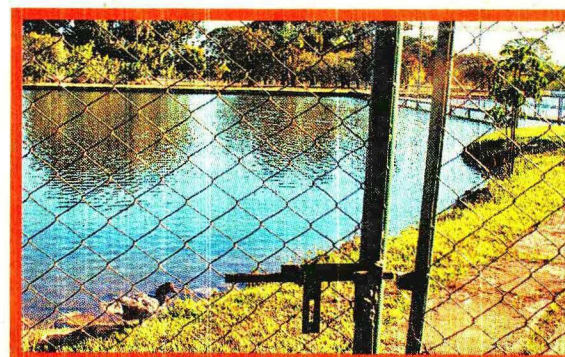
Outro fantasma do parque é o antigo pesque-pague, onde a população podia passar horas à beira de dois lagos e três tanques, e depois levar os peixes para casa. Em 2004, a Comparques anunciou o projeto de um complexo para pesca esportiva no local, previsto para ser inaugurado em dezembro do mesmo ano. A novidade era que os peixes teriam de ser devolvidos para a água após a pesca. Hoje, o pesque-pague continua fechado. Os portões só se abrem quando o salão de festas é alugado para algum evento. Segundo Ozanan

Coelho, uma licitação para a reforma dos pedalinhos, do pesque-pague e do bicicletário vem sendo estudada. "Mas não há novidades por enquanto", desconversa.

Frustração

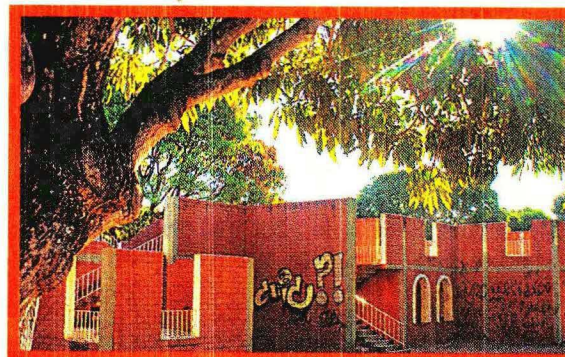
A estudante Elisângela Pereira, 29 anos, sente saudades da época em que ia com toda a família ao Parque da Cidade. Costumava freqüentar a piscina de ondas e passear nos pedalinhos. "Dá muita pena ver isso assim hoje. É falta de cuidado mesmo", avalia Elisângela, moradora do Cruzeiro. Sempre que pode, ela ainda vai ao parque, mas só para caminhar. Uma de suas grandes frustrações é não poder levar o filho Caio, 8 anos, para brincar nos mesmos lugares em que passou sua infância. "Quando o trouxe para passear aqui, ele não gostou. Disse que achou tudo feio", lembra.

O castelhinho próximo ao estacionamento 11 formava, junto com o Parque Ana Lúcia, um roteiro obrigatório para a garotada da idade de Caio. A brincadeira, no entanto, ficou comprometida ao longo dos anos pelo abandono. Agora, pichações quebram toda a magia da vila de tijolinhos. Mesas e cadeiras quebradas tiram a segurança das crianças. De acordo com o secretário da Comparques, o castelhinho passará em breve por uma revitalização, como aconteceu com o parque Ana Lúcia, no fim do ano passado. Coelho, no entanto, não precisou uma data. A prioridade, segundo Coelho, é a reforma dos doze banheiros do parque. Quatro deles já estão prontos. Outros quatro estão em obras e o restante aguarda licitação.



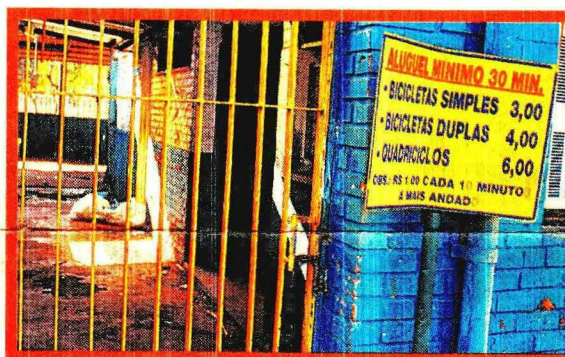
1

O antigo pesque-pague, recanto dos mais procurados para descontração e divertimento de crianças e adultos, é um dos fantasmas que incomodam a população. A Comparques prometeu em 2004 a execução de um projeto que nunca saiu do papel. Era pra ter sido reinaugurado em dezembro daquele mesmo ano



2

Um dos principais roteiros de brincadeiras da garotada, o Castelhinho está abandonado há vários anos. Agora, as pichações mancham sua fachada, quebram toda a magia da vila de tijolinhos. Mesas e cadeiras despedaçadas, assim como outros equipamentos de diversão que havia no local, completam o cenário de descaso



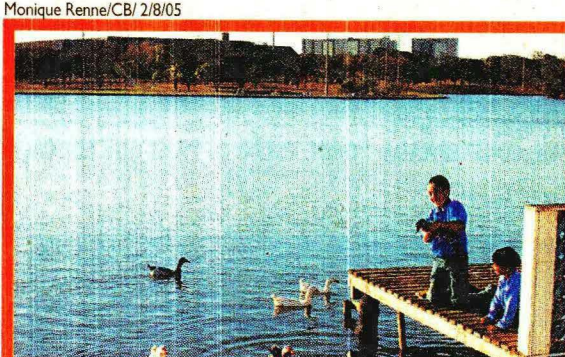
3

Atualmente, apenas uma placa faz lembrar que naquele lugar havia um bicicletário — a alegria de crianças, casais e famílias inteiras, que formavam longas filas nos finais de semana para alugar bicicletas ou quadricúculos. Hoje, no espaço que servia de garagem para os veículos só há entulho, paredes desbotadas e vidros quebrados



4

A piscina com ondas espera reforma há três anos. Em agosto de 2005, a Comparques divulgou o lançamento de um edital de licitação para as obras, mas a proposta se transformou também em um dos fantasmas do parque. O local — com entrada franca — atraiu turistas, pessoas de todas as idades e classes



5

O Lago dos Pedalinhos é outra expressão de abandono do parque, onde atualmente só é possível ver patos, garças e outras aves que freqüentam ambientes aquáticos. As crianças, que já não podem se divertir com os pedalinhos, eram os principais clientes do lugar, sempre em companhia dos pais